

CONSCIÊNCIA HISTÓRICA E MEMÓRIA EM ALGUNS ESCRITOS DE CHATEAUBRIAND

HISTORICAL CONSCIOUSNESS AND MEMORY IN SOME OF CHATEAUBRIAND'S TEXTS

Melissa Raquel Zanetti Franchi⁷²

RESUMO: O trabalho propõe o estudo da elaboração da consciência histórica de François-René de Chateaubriand em sua obra memorialística - *Mémoires d'outre tombe* (1849) - e em dois ensaios inscritos no campo da História - *Essai sur les révolutions* (1797/1826) e *Études historiques* (1831). Neles, o autor frequentemente se vale da imagem de rios, navios e naufrágios para tentar compreender o turbulento momento que a França atravessava no início do século XIX; porém, essas associações são reformuladas em cada obra, culminando na noção de mútua influência entre o homem e seu tempo. Pretende-se também investigar aqui as fronteiras flexíveis entre a escrita histórica e literária nos textos citados (GOOCH, 1942; RÉIZOV, 194[?]), bem como de que modo tais registros se coadunam ao processo de rememoração e de reconstrução das memórias na escrita autobiográfica (LEJEUNE, 1975; GUSDORF, 1981).

PALAVRAS-CHAVE: Chateaubriand; consciência histórica; memórias; historiografia literária.

ABSTRACT: This paper proposes the study of the elaboration of François-René de Chateaubriand's historical consciousness in his memorialistic masterpiece - *Mémoires d'outre tombe* (1849) - and in two essays inscribed in the field of History - *Essai sur les révolutions* (1797/1826) e *Études historiques* (1831). The author often resorts to the image of rivers, ships and sinking to try to understand the turbulent moment faced by France at the beginning of the 19th Century; however, these associations are rephrased in each work, culminating in the concept of the mutual influence between a man and his time. It is also intended here to investigate the flexible borders between historical and literary writings in the texts mentioned (GOOCH, 1942; RÉIZOV, 194[?]), as well as how such registers are aligned to the process of remembrance and memory reconstruction in the autobiographical writing (LEJEUNE, 1975; GUSDORF, 1981).

KEYWORDS: Chateaubriand; historical consciousness; memoirs; literary historiography.

⁷² Mestra em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas – Brasil. Doutoranda em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas – Brasil. Bolsista FAPESP – Brasil. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-0615-1075>. E-mail: melissa.rzfranchi@gmail.com.

1. INTRODUÇÃO

“Je me suis rencontré entre deux siècles, comme au confluent de deux fleuves; j’ai plongé dans leurs eaux troublées [...], nageant avec espérance vers une rive inconnue” (CHATEAUBRIAND, 1951, T. II, p. 936).

Essa famosa passagem se encontra em uma das páginas finais das *Mémoires d’outre tombe*⁷³ e resume o sentimento que assola Chateaubriand ao longo de toda a sua vida: o de se encontrar em um momento de transição histórica, de ser um “resquício” do passado vagando em meio a um tempo ao qual acredita não pertencer inteiramente.

Por outro lado, é imprescindível ponderar que a maior obra do autor consiste em suas memórias, que mesclam eventos da sua vida privada e pública a eventos históricos. Assim, nota-se sua convicção na possibilidade de, por meio de sua trajetória, contar a história da França; ou seja, no limite, pode-se inferir que seu sentimento de não pertencimento seria representativo de seu momento histórico, pois haveria mútua influência entre o sujeito e seu tempo.

É interessante pensar que Chateaubriand transitou entre os mais diversos gêneros: romances, tratados religiosos, tratados políticos, ensaios históricos, trabalhos memorialísticos, diários de viagens, biografias e, por incontáveis vezes, misturou e transformou elementos dessas narrativas. Além disso, o precursor do romantismo teve uma longa carreira, o que permitiu que escrevesse sob diferentes governos e sistemas políticos, mudanças que se refletem em seu trabalho e nas suas opiniões pessoais⁷⁴.

Perscrutaremos neste trabalho a noção de consciência histórica nas *MDT*, confrontando-a com tal conceito nas obras *Essai historique, politique et moral sur les révolutions anciennes et modernes, considérées dans leurs rapports*

⁷³ Doravante, *MDT*.

⁷⁴ Basta lembrar a exaltação de Rousseau no *Essai sur les révolutions* (1797), que se transformou em discordância nas obras posteriores, e o ateísmo dessa mesma publicação, que cairia por terra com a conversão religiosa que deu origem a *O gênio do cristianismo* (1802).

avec la Révolution Française (1797/1826) e *Études ou discours historiques sur la chute de l'empire romain, la naissance et les progrès du christianisme et l'invasion des barbares* (1831)⁷⁵. Dessa maneira, será necessária a investigação de como Chateaubriand se insere no debate historiográfico do início do século XIX, em suas relações com o registro literário e memorialístico.

2. AS IMAGENS DE CONSCIÊNCIA HISTÓRICA PROPOSTAS POR CHATEAUBRIAND

Desde a Revolução de 1789, a França passava por diversas e profundas alterações políticas e sociais: os ideais revolucionários se excederam com o Terror do governo jacobino em 1793 e, no início do século XIX, arrefeceram-se com a tomada de poder por Napoleão, que centralizou o governo; mais tarde, a Restauração da monarquia fez com que o passado de liberdade, fraternidade e igualdade parecesse estar muito longe e, em 1830, com a soberania da imprensa e da burguesia, a monarquia constitucional foi instaurada. E, não esqueçamos: em 1841, quando Chateaubriand escreveu as últimas páginas das *MDT*, onde se encontra o trecho sobre as “*eaux troublées*”, a nação se encaminhava para mais uma revolução – a de 1848.

Chateaubriand se vale da imagem de rios para versar sobre esse novo “estar no mundo” (MENDES, 2007, p. 41) pós-revolucionário não só nas *MDT*, como vimos acima, mas também no *Essai*, embora a analogia seja um tanto diferente em cada obra. Tendo sido um evento de ruptura, a Revolução, paradoxalmente, exigia um olhar para o passado, mesmo que para dele se distanciar, a fim de estabelecer os rumos para o futuro da nação e atribuir sentido aos eventos atribulados que tomavam corpo. Na narrativa memorialística, o escritor se vê como alguém que nada entre dois rios em direção à margem desconhecida; assim, os rios podem remeter aos séculos XVIII

⁷⁵ Devido a seus longos títulos, iremos nos referir a esses trabalhos simplesmente como *Essai* e *Études historiques*, respectivamente.

e XIX, e como a transição de um para outro é conflituosa e agitada, impedindo que o sujeito “nadador” vislumbre a margem (a segurança e a estabilidade) que tanto busca. Existe nessa analogia uma percepção de que o próprio pensamento histórico está envolto na movimentação do contexto em que é produzido, sendo igualmente ambíguo (cf. BERGER, 1995).

Vale lembrar que Chateaubriand viveu de 1768 a 1848, ou seja, ele observou e participou, já que teve carreira política como embaixador, de todo esse período instável da sociedade francesa. Além disso, o autor passou cerca de sete anos em exílio na Inglaterra, o que lhe permitiu analisar tais eventos de dentro e de fora de seu país. Nessa época, Chateaubriand enfrentou problemas de saúde e dificuldades financeiras, vivendo de seu trabalho como tradutor e fazendo parte do *Literary Fund*, instituição que buscava proteger os direitos dos escritores, que, segundo ele, trocavam seu talento por um “morceau de pain” (CHATEAUBRIAND, 1951, T. I, p. 351).

O *Essai* foi escrito durante seu exílio e é marcado pelo sofrimento advindo da emigração. Trata-se de um estudo histórico que compara a Revolução Francesa a outras revoluções – desde a Antiguidade -, como se quisesse demonstrar que o movimento de 1789 não trouxera nada de novo, pois a inquietude que leva às revoluções existe em todos os povos e, “dans tous les âges, les hommes ont été des machines qu’on fait s’égorgé avec des mots” (CHATEAUBRIAND, 1838, p. 139/61). Lecarme (1999) destaca que Chateaubriand, na verdade, faz uma construção literária da revolução francesa. O autor ressalta que nenhum regime assegura a felicidade e destaca a importância dos costumes (*moeurs*) para a constituição política de uma nação (RÉIZOV, 194[?], p. 713)⁷⁶.

Para a segunda edição do *Essai*, publicada em 1826 (e, pela primeira vez, na França), Chateaubriand escreve um prefácio especial, além de elaborar

⁷⁶ Chateaubriand ressalta que os franceses têm como costumes a “incurável corrupção de leis e a imoralidade” (CHATEAUBRIAND, 1838, p. 42).

inúmeras notas explicativas, advertindo o leitor de que não “corrigiria” o texto, ainda que fosse, “littérairement parlant, [...] détestable et parfaitement ridicule” (CHATEAUBRIAND, 1838, p. 12). Grande parte dessas notas têm cunho autobiográfico e parecem sinalizar um esforço por parte do escritor de dar unidade às suas obras e à sua posição política⁷⁷, bem como de assegurar sua boa imagem enquanto ex-ministro e escritor famoso. A nosso ver, é essa segunda edição que confere um interesse maior à obra, já que faz emergir as contradições do texto e as mudanças na consciência histórica e política do autor, apesar de ele afirmar o contrário.

Na versão de 1797, encontramos a primeira referência de Chateaubriand aos tempos como rios. Muito provavelmente devido ao contexto em que foi escrita, a associação apresenta um tom bastante pessimista e, até, fatalista⁷⁸ (RÉIZOV, 194[?], p. 713): “Le mal, le grand mal, c’est que nous ne sommes point de notre siècle. Chaque âge est un fleuve qui nous entraîne selon le penchant des destinés quand nous nous y abandonnons” (CHATEAUBRIAND, 1838, p. 22). Infere-se da citação que o sujeito histórico não teria escolha e sucumbiria às predestinações e aos acasos, sendo arrastado pela força de seu próprio tempo.

Além disso, o escritor exprime a visão de que o homem “ne fait que se répéter sans cesse, qu’il circule dans un cercle, dont il tâche en vain de sortir” (CHATEAUBRIAND, 1838, p. 232). Uma interpretação como essa da história impede que se vislumbre qualquer possibilidade de mudança e é contestada pelo próprio Chateaubriand em uma nota de 1826 referente a esse mesmo trecho, na qual afirma que o gênio do homem se desenvolve em círculos concêntricos que se ampliam infinitamente e que Réizov (194[?]) entende como

⁷⁷ O autor afirma encontrar traços de O gênio do cristianismo em seu ensaio histórico e assevera a constância de sua posição política ao longo de toda a sua carreira – defensor da liberdade e da monarquia (CHATEAUBRIAND, 1838, p. 22). O cuidado na elaboração dessas notas não foi totalmente espontâneo; basta pensar que o trabalho foi republicado durante a Restauração e que o texto original usufruía de grande liberdade política derivada da situação de exílio do autor.

⁷⁸ Abordagem histórica que o autor viria a criticar nos *Études historiques* (1831).

“espirais” (p. 718). Com essa imagem, o autor proporciona uma visada um tanto mais otimista sobre o *avanço* dos homens e de seus costumes e, sobretudo, parece atribuir um maior grau de responsabilidade sobre a história ao gênero humano.

O autor, refletindo sobre seu processo de escrita de 1794 a 1797 na segunda edição, afirma que “les événements couraient plus vite que ma plume [...] et je prétendais peindre comme des objets fixes les rives fugitives qui passaient et s’abimaient le long du bord!” (CHATEAUBRIAND, 1838, p. 12). Nessa passagem, até as margens são movediças. Chateaubriand diz-se indeciso no passado e que, por influência dos livros que lera e das sociedades que frequentara, sua religiosidade estava abalada durante o exílio; e justifica: “je ressemblais à presque tous les hommes de cette époque - j’étais né de mon siècle” (CHATEAUBRIAND, 1838, p. 12).

Assim, é possível observar alguma mudança em sua consciência histórica: o homem pertencia ao seu século e dele era fruto. A ideia de fatalismo parece ser substituída pela de contexto histórico e, mais especificamente, pela noção – tão cara ao romantismo – de *espírito do tempo*. Esta última defendia que cada época possuía uma atmosfera característica, que contagiava os indivíduos de determinada sociedade; basta pensar na melancolia e desilusão que parecia tomar conta dos escritores românticos, inspirados e tomados pelo *mal du siècle*, e do qual Chateaubriand foi um marco, ao propor “le vague des passions” (CHATEAUBRIAND, 1957, T. II, p. 95). Além disso, na citação acima parece não haver uma margem fixa e específica à qual almejar, pois nem mesmo as instituições e os governos são perenes.

Ao declarar-se como parecido com todos os homens, o autor parece querer preparar o público para vê-lo como representante de seu tempo, quase como se sua vida pessoal fosse um reflexo direto da sociedade e, portanto, pudesse servir à exemplaridade e à narrativa histórica. Sem falsa modéstia,

afirma que seu nome “se trouve mêlé aux mouvements de l’ordre social” (CHATEAUBRIAND, 1838, p. 1).

Embora a ideia definitiva de elaborar suas memórias entrelaçando vida pessoal e eventos históricos seja posterior a 1830⁷⁹, é possível sentir nas notas à segunda edição do *Essai* uma intenção de legitimar seu escrito (auto)biograficamente, além de fornecer-lhe um sentido de unidade, ao interligá-la às suas demais obras (em especial, a *O gênio do cristianismo*, aos tratados políticos e ao poema *Les martyrs*, frequentemente citados no paratexto). A propósito, no Prefácio Geral, Chateaubriand chega a citar que as *Mémoires de ma vie*, projeto que deu origem às *MDT*, haviam sido concluídas⁸⁰. No *Essai*, a retrospectiva se dá por meio do dispositivo histórico, em uma tentativa de deixá-la mais científica (LECARME, 1999).

Ainda nessa introdução de 1826, o autor declara sentir-se como um navegador “qui va bientôt remonter sur son vaisseau” e que não constitui em terra qualquer “établissement solide” (CHATEAUBRIAND, 1838, p. 1). Mais uma vez, a instabilidade da época deixa marcas no discurso de Chateaubriand, que esclarece ver as instituições, governantes e sistemas políticos como provisórios. A analogia continua e o escritor justifica a importância de sua obra afirmando que serviria como um mapa a ser estudado, “afin qu’en cas de naufrage, on se sauve” (CHATEAUBRIAND, 1838, p. 24). Para ele, cada um parece estar à deriva sozinho – nesse sentido, fica evidente a consciência de individualidade moderna trazida pela revolução e aclamada pelo romantismo.

Nos *Études historiques* (1831), há a mesma associação com navegação, mas de uma perspectiva mais coletiva e pessimista. Afirma Chateaubriand:

⁷⁹ De acordo com Berger (1995), a ideia se concretiza com a publicação do Préface Testamentaire, cuja redação se estende de 1832 a 1833.

⁸⁰ *Mémoires de ma vie* foi seu projeto autobiográfico inicial, cujo conteúdo programático abrangia apenas a perspectiva pessoal de Chateaubriand, não incluindo a perspectiva histórica. Para as *MDT*, o autor reescreveu essa parte da narrativa, adaptando-a à nova divisão que pretendia executar: vida militar (Revolução), vida literária (Império), vida política (Restauração) e retrospectiva (Monarquia de julho).

“nous nous trouvons engagés dans le naufrage du monde moderne” (CHATEAUBRIAND, 1838, p. 249). Com a utilização do pronome “*nous*”, o autor inclui toda a população nesse navio que seria a modernidade e que naufraga, inexoravelmente. À época de publicação desse texto, o autor acabava de se afastar dos assuntos do Estado, com a instauração da Monarquia de julho, estrutura de governo falha e fadada ao fracasso, segundo ele, por contrariar a tradição de legitimidade monárquica por linhagem e por se aproximar dos ideais democráticos (CHATEAUBRIAND, 1951, p. 481-485).

De acordo com Berger (1995), a obra *Études* foi majoritariamente composta de 1811 a 1814 e se ampara em fontes do século XVIII. Considerando-se que na década de 1820 diversos trabalhos históricos haviam sido lançados⁸¹, o momento de publicação da obra de Chateaubriand teria sido mal escolhido, pois seu estudo parecia um tanto quanto obsoleta e incompleto nesse cenário recente de discussões acerca da história francesa. Aliás, o próprio autor se pergunta se alguém lerá sua obra e reconhece: “j’écrivais l’histoire ancienne, et l’histoire moderne frappait à ma porte” (CHATEAUBRIAND, 1838, p. 249).

Se no *Essai* Chateaubriand falava, a princípio, da história como um círculo inescapável e, posteriormente, como círculos concêntricos rumo ao infinito, nos *Études*, sua consciência histórica (ou pelo menos, a imagem de que se utiliza para expressá-la) se altera consideravelmente. Sem dúvida, essa nova concepção deve muito à sua conversão ao cristianismo. Conforme suas palavras: “je cherche à démontrer que l’espèce humaine suit une ligne progressive dans la civilisation, alors même qu’elle semble rétrograder. L’homme tend à une perfection indéfinie” (CHATEAUBRIAND, 1838, p. 295). Assim, há uma ideia de progresso e evolução histórica⁸², ao invés da de repetição incessante e de estagnação que vimos no *Essai*. A esse respeito, o

⁸¹ Por exemplo, as obras de Barante (1824), Thierry (1825), Thiers (1826), Michelet (1826) e Guizot (1826-1827, 1828-1829).

⁸² Manter essa atitude “otimista” frente à Monarquia de Julho certamente foi um desafio para Chateaubriand, que a considerava a ruína da França (RÉIZOV, 184[?], P. 725).

escritor chega a discorrer sobre os documentos que contam a história das nações de acordo com sua idade e grau de desenvolvimento (CHATEAUBRIAND, 1838, p. 251): a poesia, as leis, as crônicas (que se concentram sobre fatos gerais) e as memórias (com foco nos costumes e na vida privada).

Embora, como afirmamos acima, os *Études* não tenham sido uma publicação exatamente bem-sucedida, traz algumas observações de grande interesse para situar o debate historiográfico do século XIX; a título de exemplificação, Chateaubriand declara sua total discordância com o descaso do Diretório para com os documentos históricos franceses – segundo o autor, vários deles foram queimados. De maneira incisiva e melancólica, reflete que “[...] nous devrions reconnaître que le passé est un fait, un fait que rien ne peut détruire, tandis que l’avenir, à nous si cher, n’existe pas. [...] Si le passé n’est rien, qu’est-ce que l’avenir, sinon une ombre?” (CHATEAUBRIAND, 1838, p. 258).

Nessa obra, Chateaubriand parece ter superado completamente a visão fatalista presente na primeira edição do *Essai*, afirmando que “de même q’un siècle influe sur un homme, un homme influe sur un siècle; si un homme est un représentant des idées du temps, plus souvent aussi le temps est le représentant des idées d’un homme” (CHATEAUBRIAND, 1838, p. 264). Essa citação se coaduna com a perspectiva histórica empregada nas *MDT* e, principalmente, no mote de elaboração de uma empreitada memorialística como essa, a qual supõe uma relação até certo ponto metonímica entre sujeito e história – na medida em que a parte (o sujeito) é digna de representar o todo (a sociedade, a época) e vice-versa, dado seu alto grau de entrelaçamento e mútua influência.

3. AS FRONTEIRAS PERMEÁVEIS ENTRE O LITERÁRIO E O HISTÓRICO

Em *O gênio do cristianismo* (1800), Chateaubriand questionou-se acerca do porquê de a França ter muitas obras memorialísticas e nenhuma histórica (CHATEAUBRIAND, 1957, T. II, p. 337) – reflexão curiosa, visto que o autor já

havia publicado o *Essai*. É provável que sua crítica seja direcionada à concepção clássica, iluminista e filosófica da história⁸³, pois compreende que a Revolução trouxera uma ruptura para a tradição dos estudos históricos (GOOCH, 1942, p. 163). Aliás, a Revolução francesa só passou a ser vastamente estudada enquanto marco histórico pela escola romântica na década de 1820 (GOOCH, 1942, p. 232); até então, os historiadores do início do século XIX versavam sobre épocas longínquas, como a Idade Média, daí a censura do precursor do romantismo, sobre esses últimos não haverem criado nada de novo, apenas terem “*un monde nouveau sous les yeux, et ce monde nouveau leur sert d’échelle réctifiée pour mesurer l’ancien monde*” (CHATEAUBRIAND, 1838, p. 262). Vimos acima como o passado era importante para Chateaubriand, na medida em que era o único caminho de situar o presente e visualizar o porvir.

Apesar de o *Essai* ter uma epígrafe do historiador romano Tácito e de demonstrar um esforço para não sucumbir ao romance (CHATEAUBRIAND, 1838, p. 26) e de, nos *Études*, o autor afirmar que pretende imitá-lo e também a Heródoto, sua concepção de história sempre esteve ligada à literatura. Em ambas as obras coexistem uma investigação profunda, ancorada em documentos e que busca recriar uma atmosfera do tempo que retrata (BERGER, 1995), e numerosas descrições de paisagens, pessoas e eventos que evidenciam um trabalho literário com a linguagem – passagens essas de caráter poético e que apresentam as impressões do escritor frente aos fatos que narra⁸⁴.

Não podemos deixar de mencionar o surpreendentemente literário pacto de leitura proposto por Chateaubriand na Introdução de 1797 do *Essai*. Após pedir que os leitores o perdoem por suas digressões ocasionais, convida-os a meditar sobre o assunto de que trata na obra com atenção, e os aconselha:

⁸³ Chateaubriand considera o caráter enciclopédico da história do século XVIII como um inconveniente, já que é muito detalhista, refere-se sempre a outras nações e se mescla em demasia à filosofia (1838, p. 251).

⁸⁴ A título de exemplificação citamos, no *Essai*, o trecho sobre a execução de Louis XVI (p. 176) e o último capítulo “*Nuit chez les sauvages de l’Amérique*”, que conta uma experiência pessoal de Chateaubriand enquanto reflexão final de um trabalho de cunho histórico.

“Si vous sentez quelquefois votre sang s’allumer, fermez le livre, attendez que votre coeur batte à son aise avant de recommencer votre lecture [...]. Comme vous, si mon sang s’échauffe, je le laisserai se calmer avant de reprendre la plume” (CHATEAUBRIAND, 1838, p. 23). Admite poder se enganar, mas sempre guiado por boa fé e termina com o seguinte apelo:

Si par des souvenirs trop tendres je laissais dans le cours de cet écrit tomber une larme involontaire, songez qu’on doit passer quelque chose à un infortuné laissé sans amis sur la terre, et dites: Pardonnons-lui en faveur du courage qu’il a eu d’écouter la voix de la vérité, malgré les préjugés si excusables du malheur. (CHATEAUBRIAND, 1838, p. 23)

A passagem remete a questões memorialísticas, mais do que históricas, ao se referir às “lembranças” do autor e a outros elementos pessoais (tais como sua saúde, sua falta de socialização) para interpelar e convencer o público. Além disso, há uma exaltação do seu próprio trabalho e das verdades nele contidas. Sobre a questão autobiográfica, é interessante ressaltar que o primeiro capítulo do ensaio se inicia com a interrogação “Qui suis je?” (CHATEAUBRIAND, 1838, p. 21), o que aponta para o anseio de autoconhecimento e esclarecimento que sinalizamos no começo deste trabalho.

Ainda a respeito dos traços literários nos estudos históricos de Chateaubriand, os *Études*, inclusive, derivaram-se dos estudos desenvolvidos pelo autor para a escrita de *Les martyrs* (1809), poema épico que buscava compreender a nova ideia de mundo após 1789 através do cristianismo e do imaginário sobre liberdade individual da antiguidade. Augustin Thierry, expoente da historiografia romântica francesa, afirma que foi esse poema que o inspirou a se tornar historiador e, de acordo com Berger (1995) e Gooch (1942), a nova escola sempre se mostrou grata ao trabalho de Chateaubriand, pois a ele era devido o aparecimento de estudos históricos durante a Restauração. O autor teria sido o pioneiro da história literária na França (BERGER, 1995, p. 297), ao analisar a originalidade das obras de maneira a situá-las em seu contexto

próprio; é importante frisar que os *Études* contemplam ensaios sobre a produção literária e histórica não só da França, mas também da Alemanha e Inglaterra, bem como sua mútua influência. Curiosamente, sobre o trabalho de Thierry, Chateaubriand afirma que a história terá seu Homero, assim como a poesia (CHATEAUBRIAND, 1838, p. 274).

Quanto ao trabalho do historiador, o autor destaca que dele não se devia exigir mais do que “la connaissance des faits, l’impartialité des jugements et le style” (CHATEAUBRIAND, 1838, p. 264). Alguns traços bastante modernos da consciência histórica desenvolvida nos *Études* são a ideia de que a história pode ser sempre “reformada” pela linguagem, pelo posicionamento ideológico do historiador e pela experiência, e o anseio pela ordenação dos eventos históricos.

Mesmo levando em conta a narrativa histórica dos *Études*, a abordagem do passado por Chateaubriand parece ter sofrido uma virada autobiográfica mais consistente, em detrimento da perspectiva historiográfica, a partir de 1826. Tal mudança de perspectiva (retorno à posição de escritor) coincide com seu afastamento do *Ministère des Affaires Étrangères*, em 1824. Tanto a segunda edição do *Essai* quanto a obra de 1831 são repletas de comentários elaborados de um prisma autorreflexivo, com referências à sua vida particular e questionamentos metalinguísticos acerca de seu próprio trabalho e trajetória⁸⁵.

Esse olhar retrospectivo se mostra melancólico no início do prefácio de 1826 do *Essai*: “Si j’avais été le maître de la Fortune, je n’aurais jamais publié le recueil de mes ouvrages” (CHATEAUBRIAND, 1838, p. 1). É impossível ler esse “arrependimento” sem lembrar de um semelhante existente nas *MDT*, quando Chateaubriand declara que teria sido melhor não escrever *René* (cf. CHATEAUBRIAND, 1951, tomo 1, p. 462). O autor afirma que a reedição ia contra sua inclinação natural pois que desejava a imortalidade muito menos do

⁸⁵ Isso não diminui, de maneira alguma, suas ponderações acerca da importância da objetividade no trabalho histórico; ao contrário, realçam o caráter ensaístico e praticamente vanguardista das reflexões historiográficas sobre a história moderna (bastante recente para o autor).

que se pensava (CHATEAUBRIAND, 1838, p. 1) e que, se desejou um pouco de glória, foi para aumentar a da “illustre et belle patrie” (CHATEAUBRIAND, 1838, p. 3). Além disso, crê na imparcialidade com que a crítica da posteridade analisará sua obra (p. 16).

Em outros momentos, o escritor assume uma postura mais impetuosa, asseverando que os motivos de sua determinação para a segunda edição não importam ao público, embora a obra seja “histoire fidèle” (CHATEAUBRIAND, 1838, p. 1-2). Vale ressaltar que esse “desprezo” pelo leitor aparece já na primeira edição, quando Chateaubriand aconselha àqueles que não entendem a obra que fechem o livro, mas também oscila – na mesma página – para um desejo de convencer o público de sua credibilidade (CHATEAUBRIAND, 1838, p. 22). Essa preocupação ecoa por toda a sua obra, principalmente na memorialística; aliás, no prefácio da segunda edição, Chateaubriand afirma que todos os seus escritos servirão como “provas e justificativas” de suas memórias (CHATEAUBRIAND, 1838, p. 2). E é instado por essas experiências que fundamenta o valor histórico das *MDT*: “J’ai fait de l’histoire, et je la pouvais écrire” (CHATEAUBRIAND, 1951, tomo II, p. 936).

Nos *Études*, o autor defende a insuspeição de sua obra pelo fato de desfrutar de grande independência ideológica, pois, estando isolado e afastado dos assuntos do Estado, vive “avec les générations dont j’ai évoqué les ombres” (CHATEAUBRIAND, 1838, p. 250). Nessa passagem, é possível entrever o Chateaubriand das *MDT* na medida em que há constantes referências ao tema da morte e das ruínas⁸⁶; a morte é associada a um lago, onde as vidas, como rios, irão submergir. Já no *Avant-propos* o escritor declara que quer deixar o mundo como amigo (CHATEAUBRIAND, 1838, p. 250) e o texto termina com uma despedida desiludida, que se mostra, simultaneamente, um artifício literário: “Adieu, ami lecteur. Il vous reste à vous votre jeunesse [...]; il me reste à moi des

⁸⁶ Sendo a ruína uma tópica cara ao autor desde O gênio do cristianismo.

heures flétries et ridées, un passé au lieu d'un avenir, et la solitude qui se forme autour d'une existence qui finit" (CHATEAUBRIAND, 1838, p. 298).

O mesmo recurso literário no que tange à resignação frente ao fim da vida fecha as *MDT*⁸⁷:

Les scènes de demain ne me regardent plus; eles appellent d'autres peintres: à vous, messieurs. [...] Je vois les reflets d'une aurore dont je ne verrai pas se lever le soleil. Il ne me reste qu'à m'asseoir au bord de ma fosse; après quoi je descendrai hardiment, le crucifix à la main, dans l'éternité. (CHATEAUBRIAND, 1951, p. 939)

O próprio título da obra memorialística remete a um autor que não está mais presente, que fala de *além-túmulo*⁸⁸, ou, como afirma Bercegol (1998, p. 1104), a um narrador que é o último a testemunhar sobre uma época; além disso, o *Préface testamentaire* aponta para o sentido de legado (e monumento) atribuído por Chateaubriand à narrativa e sinaliza o tema da morte, que a perpassaria. É curioso pensar que o escritor viveu ainda por sete anos após terminar suas memórias, o que lhe permitiu fazer constantes alterações no texto ao longo desse tempo.

Na primeira metade do século XIX, floresceram, além de romances históricos e de estudos historiográficos, diversas memórias⁸⁹ –por exemplo, as da Madame de Staël (1818), de Napoleão (1823), da Duquesa d'Abrantès (1831-1834), de Stendhal (1832). Além do esforço de compreensão do momento histórico atribulado que a França vivia, essa tendência ecoa alguns ideais

⁸⁷ A esse respeito, é interessante pensar que também o *Essai* é escrito sob uma sensação de morte iminente "propícia à verdade", pois Chateaubriand se encontrava muito doente durante seu exílio na Inglaterra: "Attaqué d'une maladie qui me laisse peu d'espoir, je vois des objets d'un oeil tranquille. L'air calme de la tombe se fait sentir [...]" (CHATEAUBRIAND, 1838, p. 23).

⁸⁸ Vale lembrar que a intenção do escritor era que a obra só fosse lançada cinquenta anos após a sua morte; no entanto, em 1838, devido a dificuldades financeiras, Chateaubriand foi obrigado a ceder os direitos de suas memórias, que começaram a ser publicadas "aos pedaços".

⁸⁹ Com um tom irônico, Chateaubriand observa: "Le temps où nous vivons a dû nécessairement fournir de nombreux matériaux aux mémoires. Il n'y a personne qui ne soit devenu, au moins pendant vingt-quatre heures, un personnage, et qui ne se croie obligé de rendre compte au monde de l'influence qu'il a exercée sur l'univers" (CHATEAUBRIAND, 1838, p. 272).

mesmos da revolução e da escola romântica, como o sentimento nacionalista e a valorização da liberdade, da subjetividade e da individualidade – para as quais o autoconhecimento derivado da solidão era imprescindível - em meio à homogeneização que os primórdios do capitalismo anunciavam.

A escrita memorialística se constitui no limiar entre história privada e história coletiva, solidão e socialização, registro literário e registro histórico⁹⁰. Lejeune (1975) foi o primeiro estudioso a se debruçar sobre o vasto mundo das “escritas do eu”, que compreende, para citar alguns, as autobiografias, os diários, as memórias e os relatos pessoais, ou seja, as narrativas retrospectivas em prosa escritas em primeira pessoa por alguém real sobre sua própria existência. Para ele, esse gênero seria do âmbito literário e proporia um *pacte autobiographique* (LEJEUNE, 1975), no qual o autor se compromete a contar a verdade e o leitor, a acreditar na narrativa.

Gusdorf (1981) propõe um estudo um tanto diferente das escritas autobiográficas, afirmando que elas compõem um campo à parte do literário, haja vista sua grande diversidade. Além disso, considera estanques as classificações de Lejeune, que separa completamente memórias e autobiografias, de acordo com a proeminência do autor/protagonista em relação aos eventos históricos; entretanto, concorda com o fato de esse tipo de escrita sugerir uma postura de leitura específica.

Como notamos no início deste trabalho, as *MDT* mesclam gêneros textuais, tais como diários de viagens, biografias (a saber, de Napoleão e Madame Récamier), relatos autobiográficos, documentos financeiros, cartoriais e editoriais, decretos políticos da embaixada, discursos, cartas etc. Assim, o entrelaçamento entre o contexto histórico e a vida particular de Chateaubriand é estreito; para nós, entretanto, a leitura dessa obra não pode ser alienada de seu viés literário, já que devem ser levadas em conta as lacunas de memória do

⁹⁰ Por muito tempo, sofreram com o desprestígio da crítica justamente por essa razão, de acordo com FUMAROLI (2000).

escritor e, por consequência, o trabalho por ele realizado de preenchimento e reconstrução do passado. Além disso, as *MDT* possuem unidade temática⁹¹, no sentido de que as memórias ali contadas não o são aleatoriamente, mas parecem fazer parte de um projeto estruturado, sendo regidas por algumas tópicas principais – a melancolia, a morte e a ruína, por exemplo.

Esse projeto é expresso por Chateaubriand no *Préface testamentaire*: “si je suis destiné à vivre, je représenterai dans ma personne, représentée dans mes mémoires, les principes, les idées, les événements, les catastrophes, l'épopée de mon temps” (CHATEAUBRIAND, 1951, tomo 1, p. 1044 – grifos nossos). Nesse sentido, nota-se o desejo do autor de se guiar pela escrita épica, ou seja, pretende exaltar a poesia, evocar o passado literariamente e “estilizar” a narrativa (cf. ZANONE, 2000, p. 43-45).

Vale frisar que o memorialista não é historiador, pois que relata os acontecimentos dos quais é, direta ou indiretamente, testemunha; concomitantemente, o escritor torna-se personagem de sua narrativa. Por essa razão, é tão interessante confrontar os trabalhos históricos (que também têm traços autobiográficos) e o memorialístico (que abarca ocasional objetividade) de Chateaubriand: tendo trabalhado com a história por essas duas chaves, a produção do autor manteve sempre uma relação dialógica com seu contexto histórico, historiográfico e literário.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A primeira seção de nosso trabalho consistiu na concatenação das imagens de consciência histórica propostas pelo autor de *Atala*. Vimos que ele se utiliza do movimento dos rios e da figura de margens, navios e naufrágio para

⁹¹ Como afirmamos, Chateaubriand parece querer dar um sentido homogêneo a todas as suas obras; assim, é interessante observar como o autor transcreve e comenta trechos de seus escritos anteriores nas suas memórias, tais como de *O gênio do cristianismo* e do *Essai*. Tal leitura permite notar a interlocução entre o autor do passado e o do presente; este último agindo quase como editor (LECARME, 1999).

estabelecer um quadro da confluência e conflito de ideais, costumes e políticas que tomam corpo no início do século XIX (e, se levarmos em consideração a finalização das *MDT*, essa turbulência se estende por toda a primeira metade do século).

Chateaubriand parte, em 1797, de uma concepção fatalista da história, totalmente desesperançosa e que vê a humanidade como fadada à repetição de erros; ou seja, o autor possui uma ideia de fixidez da história, que rebateria na segunda edição do *Essai*, quando afirma que tudo estava em movimento e, portanto, a própria escrita da história estava englobada nessa dinâmica espiralada, que permite a mudança. Na obra de 1831, o autor mescla uma visão pessimista de naufrágio do mundo moderno com a noção de progresso e tendência à perfeição humana.

Já o final das memórias de Chateaubriand não é de todo otimista, nem totalmente pessimista: ele mergulhou nas águas, o que implica um movimento voluntário, e nada com esperança. O narrador parece estar contente com o seu fim – teoricamente - próximo e “profetiza” dores e dificuldades que teriam lugar no futuro da França a fim de que o mundo pudesse “*changer de face*” (CHATEAUBRIAND, 1951, p. 939). Afirma que esses sofrimentos indicariam o final da grande revolução, cujos excessos sempre condenou, sendo um monarquista liberal. Assim, é possível inferir que, para o escritor, apesar dos problemas, o futuro viria a mostrar que uma modernidade amparada pelo cristianismo e pela monarquia representativa seria o único caminho possível.

Independentemente das visões políticas e religiosas pessoais de Chateaubriand, é interessante perceber a mudança na sua consciência histórica. Se, na primeira obra, o homem era sujeitado pela história, no escrito mais tardio, o homem a constrói e é por ela construído, concepção histórica que amadureceria e viria a atravessar as *MDT*.

Nos *Études*, Chateaubriand afirma que as nações mais desenvolvidas dispõem de memórias para contar sua história; e, se pretendeu que as *MDT*

constituíssem a epopeia de seu tempo, glorifica a *modernidade* de sua pátria ao mesmo tempo em que se coloca como herói da sociedade francesa. Em outras palavras, o autor procura legitimar sua grande estatura enquanto figura política, literária e social para o público, a fim de que este compreenda a obra como o registro de uma vida digna de ser imitada e de princípios que podem ser universalizados. Vale destacar que o faz através da inscrição de sua obra no rol da literatura, com a declaração acima transcrita.

Em todos os escritos de Chateaubriand aqui analisados, é possível notar seu direcionamento para a posteridade, no sentido de que o autor deseja “ficar na história” ou, utilizando de sua própria metáfora, superar seu túmulo. Quando afirmamos ter havido uma virada autobiográfica no pensamento de Chateaubriand já a partir de 1826, com os comentários e paratextos escritos para a nova edição do *Essai*, referimo-nos ao fato de o autor se valer de eventos e impressões pessoais para explicar a história coletiva e vice-versa, mesmo nas obras históricas; ou seja, os elementos históricos ficam intrincadamente ligados aos particulares e seu surgimento na narrativa é interdependente e compassado.

É imprescindível citar, ainda que brevemente, o intenso trabalho metalinguístico presente nessas obras. Chateaubriand constantemente discorre sobre seu processo de escrita - tecendo comentários sobre o fazer literário, histórico e memorialístico -, de forma que o tempo presente interfere na narrativa. O escritor apresenta um olhar autorreflexivo para a sua vida em geral, mas também, e especialmente, para a sua carreira literária. Na edição de 1826, por exemplo, o precursor do romantismo destaca a inspiração única (p. 142) e o *misérable génie* (p. 167) que motivaram a escrita do *Essai*; além disso, reitera como o trabalho de reeditar uma obra que preferia não ter escrito era penoso (p. 240). Esses apontamentos se relacionam amplamente à figura do escritor romântico, cujo fardo de compreender, elaborar e guiar a humanidade era

pesado demais, e para quem a infelicidade era profícua para a expansão da criatividade.

No ideário romântico, o escritor se considera acima e à frente de seu próprio tempo (BÉNICHOU, 1973); nesse sentido, o posicionamento, por parte de Chateaubriand, de sempre almejar a admiração da posteridade se coaduna com a postura pregada pelo Romantismo, principalmente com a geração de Victor Hugo. Em contrapartida, enquanto personagem de suas memórias e dos trechos autobiográficos do *Essai* e dos *Études*, o autor se acredita deslocado na modernidade, assumindo o papel, talvez, de *mensageiro* do passado que tenta atravessar o período instável da sociedade em que vive, mas que é consciente do seu não pertencimento ao novo momento histórico.

É difícil não entender esse posicionamento como um artifício literário, haja vista que a fama e a proeminência do escritor nos círculos sociais, literários e políticos da França, mesmo após ter deixado seu cargo de Estado, assegurava-lhe um lugar de prestígio e reconhecimento entre seus pares; porém, essa característica de aparente desacordo evidencia justamente o que vimos tentando demonstrar ao longo deste trabalho. Não se trata de superar ou eliminar as dualidades entre o homem e o mundo, o indivíduo e a sociedade, a literatura e a história, objetividade e subjetividade, no trabalho memorialístico de Chateaubriand. Ao contrário, é interessante investigá-las de diversos ângulos, a fim de compreender o período que o autor visa retratar e de interpretar a consolidação dos campos historiográfico e literário no século XIX.

REFERÊNCIAS

BÉNICHOU, P. *Le sacre de l'écrivain – 1750-1830: Essai sur l'avènement d'un pouvoir spirituel laïque dans la France Moderne*. Paris: Librairie José Corti, 1973. 3ª ed.

BERCEGOL, F. Chateaubriand et l'art de la conversation dans les Mémoires d'outre tombe. In: *Revue d'histoire littéraire de la France*. n. 6. Pp. 1099-1124. 1998.

BERGER, G. Chateaubriand face à l'histoire. In: *Cahier de l'Association Internationale des études françaises*. n. 47. Pp. 283-303. 1995.

CHATEAUBRIAND, F-R. *Mémoires d'outre tombe*. Paris: Gallimard, 1951.

CHATEAUBRIAND, F-R. *O gênio do cristianismo*. Trad. Pe. Vicente Pedroso. São Paulo: Ed. Das Américas, 1957.

CHATEAUBRIAND, F-R. *Oeuvres de M. le Vicomte de Chateaubriand. Essai sur les révolutions, Études historiques, Histoire de France*. Édition illustrée par Th. Fragonard. Paris: Éd. Charles Hingray et Pourrat Frères, 1838. Disponível: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k6247724s/f9.image.r=chateaubriand%20essai%20sur%20les%20r%C3%A9volutions>. Acessado em: 25/01/ 19.

FUMAROLI, M. Histoire et mémoires. In: BERCHET, J-C.; BERTHIER, P. (orgs). *Chateaubriand mémorialiste*. Colloque du cent cinquantaire (1848-1998). Genève: Droz, 2000.

GOOCH, G. P. *Historia e historiadores en el siglo XIX*. México, DF: Fondo de Cult. Económica, 1942.

GUSDORF, G. *Les écritures du moi*. Paris: Odiles Jacob, 1991.

LECARME, J. Pour une lecture autobiographique de l'*Essai sur les révolutions*. In: MONTALBETTI, C. (orgs). *Chateaubriand, la fabrique tu text*. Rennes: Presses universitaires de Rennes, 1999.

LEJEUNE, P. *Le pacte autobiographique*. Paris: Seuil, 1975.

MENDES, M. L. M. *No limiar da história e da memória. Um estudo de Mes mémoires, de Alexandre Dumas*. Tese de doutorado. USP: São Paulo, 2007.

RÉIZOV, B. *L'historiographie romantique française. 1815-1830*. Moscou, Éditions en langues étrangères, 194(?).

WHITE, H. *Meta-história: a imaginação histórica no século XIX*. Trad. José Laurênio de Melo. São Paulo: Ed. USP, 1992.

ZANONE, D. Les mémoires et la tentation du roman : l'exception épique des *Mémoires d'outre tombe*. In: BERCHET, J-C.; BERTHIER, P. (orgs). *Chateaubriand mémorialiste*. Colloque du cent cinquantaire (1848-1998). Genève: Droz, 2000.

Recebido em 24/06/2019.

Aceito em 15/12/2019.